



A RELEVÂNCIA DA BENEFICÊNCIA SOCIAL EM ISAÍAS 58:6-7

JOÃO LUIZ MARCON¹
DIOGO FLORENCIO SANSALONE²

Resumo: A beneficência social por vezes é negligenciada pelos cristãos no âmbito coletivo e individual. A história mostra que dois extremos foram praticados em relação a esse assunto e nenhum deles representou a mensagem bíblica para esse tema. O presente artigo busca através de uma resenha histórica apontar quais foram os dois extremos, como a Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolveu sua abordagem e compreender qual é a relevância da beneficência social para o estilo de vida cristão à luz de Isaías 58:6-7.

47

Palavras-chave: Beneficência Social. Grande Reversão. Isaías 58:6-7.

THE RELEVANCE OF SOCIAL BENEFICENCE IN ISAIAH 58:6-7

Abstract: The social beneficence is often neglected by Christians in the individual and social sphere. The history shows that two extremes were practiced regarding to this matter and none of them has represented the biblical message concerning to this theme. This article aims through a historical review to point out what the two extremes were, and how the SDA Church developed its approach and understanding about the relevance of the social beneficence for the Christian lifestyle according to Isaiah 58: 6 and 7.

Keywords: Social Beneficence. Great Reversal. Isaiah 58:6-7.

¹ Mestre em Teologia (EST, São Leopoldo-RS) e Doutorando em Teologia (Universidad Adventista del Plata, Argentina). Diretor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (IAP, Ivatuba-PR). Contato: joao.marcon7@gmail.com.

² Bacharel em Teologia (Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, IAP, Ivatuba-PR). Pastor Distrital na Associação Norte Paranaense da IASD. Contato: diogo.sansalone@adventistas.org.

1. Introdução

Mesmo sendo um tema bíblico, a beneficência social perdeu sua relevância em virtude de um debate entre duas linhas teológicas. Sergio Becerra (2011), no seu artigo *La obra humanitaria em La misión de La Iglesia Adventista*, comentou que o embate entre o liberalismo e o fundamentalismo desenvolveu uma aversão ao evangelho social, pois ele demonstrava preferir melhorar a situação atual das coisas, em detrimento do desejo de substituição delas pelo Reino de Deus no fim dos tempos. Tal situação é tão séria que “um livro que aborde o tema da assistência e desenvolvimento não é encontrado com facilidade; muito menos um que integre esses temas como parte do cerne do ministério do evangelho” (KUHN, 2016, p. 13).

A visão da Igreja Adventista do Sétimo Dia (doravante mencionada através da sigla IASD) para com os pobres e oprimidos teve diferentes momentos na história até alcançar um consenso que resultou na atual filosofia da Igreja em relação à responsabilidade social do cristão. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 459) comentam de maneira bem direta que “os adventistas não haviam tido uma atitude amigável para com o evangelho social do século 19 na América, mas durante a última metade do século 20 desenvolveram seu próprio evangelho social em resposta às aflições físicas e sociais do mundo”.

A mensagem bíblica em relação ao cuidado necessário para com os que estão em dificuldades temporais é contundente. Em Is 58:6-7 encontra-se uma sequência de verbos que destacam o que Deus espera de Seus filhos para com os semelhantes que estão em tais dificuldades. O objetivo desse artigo será compreender qual é o entendimento da IASD sobre beneficência social, como ela se desenvolveu e, por meio de uma breve análise exegética de Is 58:6-7, verificar as principais palavras, o contexto histórico e a relevância da beneficência social para o estilo de vida cristão. Desta forma, resta encontrar a solução para a seguinte problemática: como Is 58:6-7 contribui para o entendimento da beneficência social cristã no cumprimento de sua missão?

2. Beneficência Social

Desde a queda do homem no jardim do Éden, a beneficência social tem socorrido o ser humano, e o primeiro agente do socorro foi o próprio Deus. A beneficência social não foi algo desenvolvido pelos homens, no entanto foi criada por causa dos homens. Kuhn (2016) comenta que sua origem se deu logo após a entrada do pecado, quando toda a Criação foi prejudicada. A mulher e o homem perceberam que estavam desprovidos de vestes, e Deus aparece nesse relato com o intuito de resgatá-los e providenciar vestimentas para cobrir a nudez e a vergonha deles. Deus ainda, além de resolver a necessidade imediata deles, promete uma solução para o problema do pecado. De acordo com esse autor, “Essa foi a primeira vez na história da humanidade que uma assistência emergencial – prover vestuário – se fez necessária e concedida” (KUHN, 2016, p. 15).

A benevolência para com o semelhante é demasiadamente importante, e Ellen G. White (1987, p. 15) diz que “nunca houve tempo em que fosse maior a necessidade do exército da misericórdia do que hoje. Ao redor de todos nós estão os pobres, os sofredores, os aflitos, os tristes, os que estão prestes a perecer”.

A obra da beneficência social é tão importante que Kuhn (2013, p. 38) afirma que “reconhecer a Deus como soberano inclui preocupar-se com os pobres e conceder liberdade aos que estão presos a um ciclo contínuo de endividamento”. Ele afirma ainda que os vários milagres que Jesus realizou validam Seu amor, zelo e preocupação para com a vida humana no

âmbito social, físico e espiritual. Santos (2011) complementa que Paulo entendia que a Igreja devia participar na assistência aos santos (2Co 8:4) e desafia os coríntios a serem generosos para aliviar o sofrimento dos irmãos.

Ellen G. White escreveu muito a respeito da beneficência social. Em suas cartas, ela pede aos que se dizem filhos da luz que leiam o capítulo 58 de Isaías. Herbert Douglass (2015, p. 369) informa que no “*Comprehensive Index to the Writings of Ellen G. White*, cerca de 200 referências envolvem Isaías 58”. Ellen White (1987, p. 28) escreveu que aqueles que se sentem relutantes em ajudar ao semelhante deveriam reler esse capítulo da Bíblia. Na linguagem da própria autora:

Vós, cujo coração e casa são demasiado estreitos para prover um lar aos que não o têm, lede-o; os que podeis ver os órfãos e as viúvas oprimidos pela mão de ferro da pobreza e humilhados pela dureza de coração dos mundanos, lede-o. [...] Não é a abundância de vossas reuniões que Deus aceita. Não as numerosas orações, mas a prática do bem, o fazer as coisas certas no tempo certo. É o ser menos egoísta e mais benevolente (WHITE, 1987, p. 28).

Para White, a religião por si só não tinha condições de ser aceita por Deus se estivesse destituída da misericórdia para com o semelhante.

Douglass (2015, p. 366) comenta que embora Ellen G. White “enfatisasse sua preocupação pelo equilíbrio e prioridades, ela deixava claro que a responsabilidade para com as necessidades dos outros é tão importante quanto seu dever para com Deus”. O trabalho que Jesus Cristo desempenhou durante seu ministério terreno foi também um trabalho de benevolência. White (1987, p. 32 e 34) comenta que “somente pela manifestação de interesse pelos que estão em necessidade é que podemos dar uma demonstração prática das verdades do evangelho”, e que “a obra de beneficência recomendada nesse capítulo, é a obra que Deus requer de Seu povo neste tempo. É uma obra indicada por Ele próprio”.

3. Cristianismo e a Beneficência Social

A Roma que os primitivos cristãos encontraram tinha herdado as maldades sociais de um sistema falido. Contudo, “um exemplo do testemunho vivo de Deus em palavras e ações demonstrado pelos que seguiram a Cristo também é encontrado durante o período anterior a Constantino” (KUHN, 2016, p. 19). Vivendo sob o império Romano, os crentes “não queriam se comprometer com as estruturas más que permitiam que o pobre, o doente, o escravo e o prisioneiro sofressem sem receber assistência alguma” (KUHN 2013, p. 75).

De maneira surpreendente e motivados pelo auto sacrifício de Jesus, os primeiros cristãos não buscaram uma reforma social e sim atos abnegados e sinceros de caridade, e com isso ajudaram a aliviar muitos problemas sociais. Wagner Kuhn (2016, p. 97), em seu livro *Transformação Radical*, comenta que:

[...] todos os crentes, incluindo os pobres, eram incentivados a ajudar outras pessoas pobres, e muitos se empenhavam em jejum a fim de poupar um pedaço de pão para dar aos mais necessitados. Esse trabalho de caridade não era uma mera teoria, mas uma realidade viva; não apenas um conceito, mas uma prática concreta.

De maneira objetiva, a Igreja cristã progrediu em direção à prática da beneficência social. Após o período primitivo, novas contribuições a essa abordagem aconteceram, tais como a caridade das ordens monásticas da Igreja Católica. Earle E. Cairns (2008, p. 133) comenta que:

os mosteiros eram um refúgio para os que se isolavam da sociedade e precisavam de ajuda. Os que necessitavam de hospitalização geralmente eram bem cuidados nos mosteiros. Os viajantes cansados podiam estar certos de encontrar alimentação e repouso no albergue do mosteiro.

Cairns ainda explica que a própria origem dos mosteiros se deu com um homem que após vender seus bens e doar aos pobres escolheu viver uma vida retirada. De alguma forma a beneficência social e os mosteiros estiveram intimamente ligados desde sua origem também. No entanto, Cairns acrescenta que uma compreensão equivocada da pobreza e do monasticismo contribuíram para o caos social, pois

nesse balanço do monasticismo medieval primitivo há também um débito a se considerar, [...] muitos dos melhores homens e mulheres do Império se deixaram isolar dentro dos mosteiros, e assim, o mundo já tão necessitado, perdeu a possibilidade de contar com sua contribuição (2008, p. 134).

Pouco antes da Reforma, a pobreza havia se tornado um grave problema e era entendida como vocação (KUHN, 2013). Essa abordagem teológica distorcida sobre a salvação teve que ser enfrentada, e recebeu uma resposta adequada de Martinho Lutero e outros reformadores. Sobre Lutero, se diz que,

neste contexto, o reformador pediu que cada comunidade e cidade devesse cuidar de seus pobres, advertindo que toda a mendicância devia ser proibida. Todos aqueles que eram capazes de trabalhar tinham a responsabilidade de fazê-lo; no entanto, para as pessoas que não podiam trabalhar, uma forma de subsistência devia ser assegurada (KUHN, 2016, p. 90).

Com o passar dos anos, “em terras protestantes, a reforma do sistema de assistência aos pobres foi realizada pelo governo local e provincial que, em muitas cidades, ajudado pelas congregações religiosas, criou um ‘caixa comum’ que se tornou responsável pela manutenção e cuidados com igrejas, escolas, hospitais e todas as outras atividades de assistência” (KUHN, 2016, p. 99). Depois, a assistência social que foi sendo transferida para a igreja, passa para o poder dos estados, e assim, “o governo protestante também colocou todas as formas de assistência sob uma administração central responsável pela arrecadação e distribuição delas” (KUHN, 2013, p.103-104).

Após o desenvolvimento dos movimentos Pós-Reforma, dos séculos XVII e XVIII, e dos reavivamentos evangélicos dos séculos XVIII e XIX, “a preocupação com assuntos puramente sociais levou muitas pessoas a serem, de certa forma, indiferentes à salvação pessoal e à vida eterna” (KUHN, 2013, p. 134). Esse extremo causou um grande prejuízo ao entendimento da beneficência social, fazendo com que muitos cristãos decidissem tornar-se indiferentes ao sofrimento alheio e focar apenas na proclamação do evangelho, propondo apenas a promessa de dias melhores no porvir. Em seu livro *Integrando Beneficência Social e Desenvolvimento na Missão de Deus*, Wagner Kuhn ainda comenta que:

O enfoque por parte dos cristãos mais liberais em assuntos puramente sociais e sua desconsideração pelo evangelismo induziram muitos evangélicos conservadores a perceber que a visão dos liberais sobre o evangelho social era equivalente ao próprio evangelho. Consequentemente e gradualmente, a maioria dos evangélicos começou a rejeitar por completo a teologia do evangelho social e suas práticas sociais, desprezando de modo geral o interesse bíblico e legítimo pelos assuntos sociais. Isso causou uma “Grande Reversão” com respeito ao envolvimento da igreja nos ministérios

sociais e assistenciais. Por volta de 1925, e até bem depois da II Guerra Mundial, a ênfase dos evangélicos estava quase totalmente no evangelismo (salvar almas). Assim as mudanças e o saldo negativo criado pela “Grande Reversão” ainda precisam ser revertidos (KUHN, 2013, p. 142).

Na opinião de Becerra (2011), dizer que a missão da Igreja é somente evangelismo é uma maneira muito pobre de expressar a missão divina. Wagner Kuhn acrescenta que:

O desejo contemporâneo para inverter a Grande Reversão já começou a ser colocado em prática pelos evangélicos que entendem que, com razão, não há dicotomia entre fé e obras, entre palavras e atos. Eles realmente estão começando a entender que revivalismo e social preocupação podem dar as mãos e andar juntos. A esperança é que um dia compreenderemos que o evangelismo e a preocupação social são as mãos e os pés de um corpo, o Corpo de Cristo (KUHN, 2016, p. 130).

Infelizmente a abordagem da beneficência social teve vários extremos ao longo da história eclesiástica, por este motivo se faz necessário compreender como a IASD enxerga esse tema e como chegou à sua filosofia, tendo também passado pela “Grande Reversão”.

4. A IASD e a Beneficência Social

A abordagem da IASD para com os pobres e oprimidos passou por diferentes momentos na história até alcançar um consenso que desenvolveu a visão da Igreja acerca da responsabilidade social do cristão. Desde muito cedo em seu ministério, Ellen White havia escrito para que se realizasse uma obra enfática em favor dos pobres e oprimidos. Para ela, a motivação básica desta tarefa era uma imitação de Jesus, e o fracasso em assistir aos desnaturados e afligidos era, na verdade, o fracasso da verdadeira religião. Em 1868, ela escreveu o que provavelmente é seu discurso mais enfático a favor da responsabilidade social do cristão. Eis aqui algumas de suas declarações:

O verdadeiro culto é o trabalho junto com Cristo. Orações, exortação e palestras são frutos baratos, frequentemente entrelaçados; mas os frutos que se manifestam em boas obras, no cuidado dos necessitados, dos órfãos e das viúvas, são frutos genuínos, e produzem-se naturalmente na boa árvore. [...] (Mateus 25:41-46) Que união Jesus aqui expressa como existente entre Ele e Seus sofredores discípulos! Torna seu caso o dEle próprio. Identifica-Se como sendo em pessoa o próprio sofredor. Notem, cristãos egoístas, toda negligência aos pobres e órfãos necessitados, é negligência a Jesus na pessoa deles. [...] (Isaías 58:7) O jejum que Deus aceita é descrito. “Que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados”. Não esperem que eles venham a vocês. Não repousa sobre eles o trabalho de procurá-los e induzi-los a conceder-lhes um lar. Vocês devem buscá-los e levá-los a sua casa. Devem abrir-lhes seu coração. Com uma das mãos devem pela fé alcançar o braço poderoso que traz salvação, enquanto com a outra, a mão do amor, devem alcançar o oprimido e aliviá-lo (WHITE 2005, p. 24-34).

Estes e outros chamados semelhantes incentivaram os crentes a assumir sua responsabilidade social para com os pobres e oprimidos. Explicando Mateus 25, Ellen White escreveu:

“E quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dEle, e apartará uns dos outros”. Assim descreveu Cristo aos discípulos, no monte das

Oliveiras, as cenas do grande dia do Juízo. E apresentou sua decisão como girando em torno de um ponto. Quando as nações se reunirem diante dEle, não haverá senão duas classes, e seu destino eterno será determinado pelo que houverem feito ou negligenciado fazer por Ele na pessoa dos pobres e sofredores (WHITE, 2018, p. 637).

Aos dirigentes da IASD também foram feitos apelos, como por exemplo: “Deus requer que aqueles que ocupam posições de responsabilidade sejam consagrados ao trabalho. [...] Os que ocupam cargos de responsabilidade devem ser homens piedosos [...]” (WHITE, 2005, p. 37). Este contexto foi formando uma melhor compreensão sobre a beneficência social na IASD.

Schwarz e Greenleaf descrevem de maneira resumida como ocorreu o desenvolvimento da consciência social da IASD:

Não que a igreja nunca tivesse sentido a relação entre o evangelho e o bem-estar das pessoas. Desde seus primórdios, os adventistas também haviam ensinado que o ministério de misericórdia de Cristo para com os sofrimentos era um exemplo para seus seguidores, daí uma forte ênfase nas instituições de saúde. Durante o final do século 19, J. H. Kellogg dirigiu com sucesso as energias adventistas em esforços para aliviar o sofrimento, porém sua ruptura com a igreja projetou uma nuvem sobre essas atividades de “bom samaritano”, pelo menos nos Estados Unidos. Durante boa parte do meio século seguinte, a principal atividade humanitária em círculos adventistas era a Sociedade Dorcas, local onde as mulheres teciam cobertores, consertavam e preparavam roupas usadas e dirigiam campanhas de arrecadação de alimento para vítimas de desastres (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 458).

Sobre as Dorcas, Herbert Douglass (2015) comenta que quando os adventistas consideram as três esferas de serviço - da igreja local por sua congregação, da igreja local por sua comunidade e da igreja local pela comunidade mundial - se lembram imediatamente da Sociedade das Dorcas. No ano de 1956, a Associação Geral da IASD “criou o Serviço Adventista do Sétimo Dia de Assistência Bem-Estar Social para coordenar e dirigir as atividades de socorro internacionais da igreja” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 460). Douglass (2015) explica que, dezessete anos mais tarde, o nome mudou para *Serviço Mundial Adventista do Sétimo Dia* (SAWS, sigla em inglês), e na década 1980 passou por uma nova reorganização, e agora se chama *Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais* (ADRA).

Após passar por momentos desafiadores com a ruptura do doutor J. H. Kellogg, no final do século XIX, a Igreja gradativamente foi sendo conduzida à visão que possui hoje da beneficência social. Ellen G. White, em seus últimos trabalhos, chegou a dizer que a verdadeira hermenêutica do evangelho, sua verdadeira interpretação, se produz quando é praticada na pessoa do pobre e oprimido.

Eis algumas declarações dela: “O senhor vos dará sucesso nesta obra [...]. Ela está entretecida com a vida prática quando é vivida e praticada. A união de obra cristã para o corpo e obra cristã para a alma é a verdadeira interpretação do evangelho” (WHITE, 1987, p. 33). Ela ainda comentou que Jesus “deu aos discípulos lições práticas, ensinando-lhes como trabalhar de maneira que as almas se sentissem jubilosas na verdade. Ele simpatizava com os cansados, os sobrecarregados, os oprimidos. Alimentava os famintos e curava os enfermos” (WHITE, 1987, p. 56). Em seus últimos anos (ela morreu em 1915), White fixou sua posição filosófica acerca do trabalho pelos pobres, de maneira destacada.

Por conta dessas orientações e do desenvolvimento teológico da missão Schwarz e Greenleaf escrevem que:

[...] o humanitarismo adventista era diferente do programa social do movimento ecumênico. Os adventistas viam a ADRA, com suas muitas facetas, como uma cunha de

entrada para a igreja, apesar do seu caráter legalmente não proselitista. Era um meio de divulgar o nome da igreja em lugares inóspitos onde nunca havia tido êxito ou talvez nunca tivesse estado antes. Os dirigentes da denominação criam que o organismo tornaria posteriormente mais fácil obter uma presença adventista aberta, o que levaria a conversões. (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 463).

Maxwell (1982, p. 221, 222) comenta que a abordagem adventista que abarca esse assunto

[...] é o evangelho posto em prática. É o fazer o bem aos outros em demonstração de amor a Deus. É a bondade inteligente, dirigida a ajudar pessoas não meramente a enfrentar emergências de doença ou pobreza, mas também a viver acima disso para sempre, posteriormente. E seu fim é fazer pelos outros o bem maior, ou seja, trazê-la a Cristo.

5. Análise Exegética de Isaías 58:6-7

O texto de interesse deste artigo se encontra nos versos 6 e 7 do capítulo 58 de Isaías. Segundo Ronald Lobo (2011, p. 61), “os versículos 6-7 formam um conjunto. Ambos iniciam com o mesmo estilo literário: Será que não הָלוֹא (*halo'*) (6a; 7a)”. Ainda, comenta que, no verso 6, a realidade social é descrita com a metáfora do jugo, conotando a opressão que as pessoas menos favorecidas estavam enfrentando. Já no verso 7, é mantida a mesma estrutura literária, mas agora com o foco nos grupos mais carentes. Desta forma, esses dois versos são chaves para verificar o conceito de beneficência social e sua relevância para o estilo de vida cristã, fortalecido pela perícopa analisada.

O texto na versão em português, traduzido por João Ferreira de Almeida, está escrito da seguinte forma:

Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? (Is 58:6-7).

Na Bíblia Hebraica, o texto acima aparece da seguinte maneira:

הֲלוֹא זֶה צוֹם אֲבָהֶרָהּ פָּתַח סַרְצָפוֹת רִשְׁעֵי הַתֵּר אֲגִדּוֹת מוֹטָה וְשִׁלַּח רְצוּצִים חֲפָשִׁים וְכָל-מוֹטָה תִּנְתְּקוּ:
הֲלוֹא פָּרַם לְרַעַב לֶחְמֹהּ וַעֲגַנִּים מְרוּדִים תְּבִיא בַּיִת כִּי־תִרְאֶה עָרִם וְכִסְיָתוֹ וּמִבְּשָׂרָךְ לֹא תִתְעַלֵּם:

Segundo o aparato crítico da Bíblia *Stuttgartensia* (1997, p. 766), as antigas traduções no texto de Isaías 58:6 apresentam poucas variantes. Contudo, Lobo (2011, p. 60) afirma que o texto hebraico massorético possui a preferência. Na linguagem do próprio autor:

O v. 6 no segmento 6^a apresenta uma modificação entre o texto massorético e o Documento da primeira gruta de Qunram (1QIs^a). O substantivo jejum (צוֹם) aparece na expressão: o jejum que (1QIs^a; אשר הצום). Ou seja, há acréscimo do artigo definido ה (o) e da partícula indicativa אשר (que). Provavelmente, trata-se de uma alteração efetuada pelo escriba ao copiar o texto ou uma correção gramatical. O aparato crítico torna explícito o que está implícito no texto massorético. Embora a variante seja mais antiga, a expressão hebraica apresenta a versão mais breve, que merece ser avaliada como provavelmente a mais original.

Em Is 58:6-7, são utilizados quatro verbos no grau Piel. Segundo Mendes (1981, p. 155), um verbo no Piel “apresenta uma ação intensificada, enérgica, repetida. Por exemplo, quebrar, no Piel, tem o significado de despedaçar”. Os verbos em questão são: פָּתַח (*pateah* – “soltes”); שָׁלַח (*shalah* – “libertes”); נָתַק (*nateq* – “arranques”) e כִּסְיוֹ (*kisito* – “o cubras”). Tais verbos são o foco de estudo desta análise exegética, tendo em vista que o verbo exerce a função de ser uma “palavra variável que exprime ação” (AMORA, 1917, p. 740). Para compreender se a beneficência social é relevante para o estilo de vida cristão, ao observar estes verbos, serão encontradas ações que Deus requer daqueles que O seguem.

De acordo com o *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (doravante mencionado neste artigo com a sigla *DITAT*), o verbo פָּתַח (*patheah* - “soltes”) aparece 135 vezes no Antigo Testamento: 97 no Qal; 18 no Nifal; 19 no Piel; e uma no Hitpael. Os significados básicos são “soltar”, ‘desatar’, ‘tirar’, ‘desfazer’, [...] mas com maior frequência no de ‘soltar’ (Is 58.6) [...]” (HARRIS, 1998, p. 1250). O significado básico deste verbo na aplicação dos versos analisados é “soltar”, conotando “colocar em liberdade”. Porém, como está no Piel, há uma intensidade enérgica que não tem como ser traduzida com exatidão para o português, a não ser que se acrescentassem palavras. Nesse grau, a tradução poderia ser “soltes imediatamente”.

O *DITAT* ainda mostra que este verbo, em suas formas Qal e Nifal, significa “abrir”, com exceção de Isaías 5:27 e 51:14, onde o sentido é “desatar” e “libertar”. O mesmo verbo aparece também em Jó 12:18; 30:11; Jr 40:4; Sl 102:20; 116:16. Somente no livro de Isaías ele ocorre mais de 18 vezes (14:17; 22:22; 26:2; 41:8; 45:1,8; 50:5; 53:7; 58:6, etc.).

A *LXX* usa o verbo λύω (*lyō*) para traduzir o verbo פָּתַח (“soltes”). De acordo com o software de pesquisa bíblica *e-Sword*, essa palavra aparece 46 vezes em 41 versos do Novo Testamento, e geralmente é aplicada no sentido de “desligar”, desatar, soltar alguma coisa. A mesma conotação do hebraico).

O verbo שָׁלַח (*shalah* – “libertes”), de acordo com *e-Sword*, aparece 848 vezes no Antigo Testamento, e o *Dicionário Brown, Driver e Briggs* (doravante, mencionado pela sigla *BDB*) comenta que 266 destas ocorrências estão no grau Piel. O verbo שָׁלַח (*shalah*) também conota uma ordem para libertar com ênfase e pedido de urgência. Tal como o verbo citado anteriormente, a tradução adequada precisaria de acréscimo de palavras, e, de maneira livre e aplicada ao português, a tradução poderia ser “libertes já!”. O *BDB* comenta que das 266 vezes que este verbo aparece no grau Piel, 10 vezes são só no livro de Isaías (10:6,16; 27:8; 32:20; 43:14; 45:13; 50:1; 57:9; 58:6; 66:19).

Na versão *LXX* esse verbo é correspondido pela palavra διαλύω (*dialyō*), e de acordo com o *e-Sword*, essa palavra só ocorre uma vez no Novo Testamento, em Atos 5:36. Sua tradução para português é “dissolver totalmente”. Tendo em vista que o verbo em hebraico está no Piel, percebe-se que os tradutores da *LXX* buscaram intensificar a conotação de soltar, porque para eles só essa palavra não bastaria. Buscaram dar a impressão que era necessário dissolver por completo aquilo que prendia o necessitado.

O verbo נָתַק (*nateq* – “arranques”) pode significar “tirar”, “arrancar”, “quebrar”, “erguer” e “desarraigar” (HARRIS, 1998). Diferentemente de נָתַר (*natar* – “desfazer”), o verbo נָתַק (*nataq*) sugere que o receptor da mensagem de Isaías 58 não apenas tire as cadeias que prendem as pessoas, mas que as destrua para que não aprisionem mais ninguém. Mais uma vez a ênfase do grau Piel aparece na tradução. Uma tradução livre desse verbo para o verso, acrescentando palavras para representar a intensidade do Piel, poderia ser “arranques de uma vez por todas” o jugo. Ele aparece 27 vezes no Antigo Testamento de acordo com o *e-Sword* (Lvo 22:24; Js 4:18, 8:6, 16; Jz 16:9, 12, 20:31, 32; Jó 17:11, 18:14; Sl 2:3, 107:14; Ec 4:12; Is 5:27, 33:20, 58:6; Jr 2:20, 5:5, 6:29, 10:20, 12:3, 22:24, 30:8; Ez 17:9, 23:34 e Na 1:13). Em Salmos, Jeremias 30:8

e Naum 1:13 há a mesma conotação de Isaías 58:6. A mensagem é sobre destruir com força e de maneira definitiva aquilo que tem aprisionado as pessoas.

Ao ser observada a versão LXX, este verbo é substituído pela palavra *δεασπάω* (*deaspáō* - espedaçar). De acordo com *e-Sword*, ele aparece apenas em Marcos 5:4 e Atos 23:10. Em Marcos, a palavra é aplicada para cadeias quebradas, muito parecida com a conotação de Isaías 58. Em Atos 23:10 a tradução é “espedaçar” - Lucas informa ao leitor que o comandante, temendo que Paulo fosse espedaçado pelos presentes no Sinédrio, encaminha-o com a sua guarda para a fortaleza com intuito de preservar sua integridade física. Isso demonstra a atitude que Deus espera dos que procuram segui-lo em Isaías 58.

O verbo *קָבַעַ* (*qābaʿ* - “o cubras”) significa “cobrir”, geralmente relacionado a roupas ou a segredos (HARRIS, 1998). Como também está no grau Piel, uma palavra sozinha no português tem dificuldades em expressar o que o autor desejou transmitir, e a tradução livre dessa palavra seria: “cubras nesse momento!”. De acordo com o *e-Sword*, esse verbo está presente no Antigo Testamento em 149 versos, com 152 ocorrências, e tem aplicações como “sobrecarregar”, “cobrir”, “encher as cavidades”, entre outras.

O profeta Isaías utiliza este verbo em 6:2; 11:9; 26:21; 29:10; 37:1,2; 51:16; 58:7; 59:6; 60:2,6. Jeremias 51:51, por exemplo, emprega esse verbo em relação à vergonha que cobriu o rosto dos israelitas. Ezequiel, ao descrever a visão dos querubins, usou esse verbo para descrever as asas deles que cobriam seus corpos. Jonas também utiliza esse verbo com relação ao vestir-se, descrevendo o rei de Nínive cobrindo-se com pano de saco (Jn 3:6).

A palavra correspondente na versão LXX é *περιβάλλω* (*peribállō*). Ela ocorre 24 vezes no Novo Testamento, e o versículo de destaque é Mateus 25:36, onde Jesus expressa “estava nu, e me vestistes [...]”.

Nota-se que as ações requeridas em Is 58:6-7 através dos verbos destes versículos têm total relação com o tema da beneficência social. De acordo com Lobo (2011), no texto analisado fica explícito que a superação verdadeira da fome, desabrigo e da nudez só será possível com solidariedade.

Após analisar o significado, as aplicações no Antigo e Novo Testamento sugere-se aqui uma nova tradução livre de Is 58:6-7:

6 Não é este o jejum que escolhi? Soltes imediatamente as correntes da iniquidade, libertes já as ataduras das cangas e libertes o maltratado. Libertador, arranques de uma vez por todas o jugo de todos.

7 Não é que partilhes o alimento com o faminto e afligido? Que conduzas os desabrigados para casa? Tu, vendo o despido, o cubras neste momento e não se escondas da tua carne.

5.2. Contexto Histórico do Livro

Segundo Ridderbos (1986, p. 9), o nome de Isaías tem como significado a expressão “Jeová deus salvação”, e “talvez os pais lhe deram esse nome para expressar a sua gratidão pela bênção experimentada por ocasião do nascimento do seu filho”. Esse autor também comenta que, de acordo com a tradição, rabínica o pai de Isaías, Amos, era irmão do rei Amasias, por isso ele tinha descendência nobre e possivelmente gozava de influência na corte real. Champlin (2001, p. 2779) afirma que “calcula-se que, durante quarenta anos, Isaías atuou ativamente como profeta do Senhor em Judá. Se, afinal de contas, Isaías não pertencia à aristocracia, pelo menos sua habilidade literária confirma sua excelente educação”. (DILLENBURG, 2016, p. 24).

O profeta Isaías situa, de acordo com Champlin (2001, p. 2779), sua atuação profética durante os reinados de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá. Nesse comentário, afirma-se

que a passagem de Isaías 6:1 refere-se especificadamente ao falecimento do rei Uzias, o que ocorreu em 735 a.C. Champlin (2001) ainda escreve que Isaías atuou “nos tempos de Uzias (783-738 A.C.) e de Jotão (750-738 A.C, como regente, e 738-735 A.C, como governante único”.

De acordo com Nichol (1995, p. 131), “Isaías viveu em um mundo conturbado [...] no tempo de Azarias (Uzias) de Judá e Jeroboão II de Israel, porquanto ambas as nações haviam chegado a ser fortes e prósperas. No entanto a prosperidade material levou a decadência espiritual”. Champlin (2001, p. 2780) comenta que “de tão próspera e elevada a situação, Israel e Judá em breve caíram. A Assíria deu início à derrubada e Babilônia a terminou”. Ele também diz que “historicamente, Isaías acompanhou Amos e Oséias, que ministraram na nação do norte, Israel. Miquéias foi contemporâneo de Isaías e também trabalhou no reino do Sul, Judá” (CHAMPLIN, 2001, p. 2779). Nesse mesmo comentário, encontra-se um resumo do ministério de Isaías, segundo ele: “ênfatizava os fatores espirituais e sociais. Ele feriu as dificuldades da nação em suas raízes – sua apostasia e idolatria - e procurou salvar Judá da corrupção moral, política e social” (CHAMPLIN, 2001, p. 2780). Champlin (2001, p. 2785) diz que esse profeta esteve ativo do ano 742 ao ano 683 antes de Cristo.

5.3. Contexto do Capítulo

De acordo com Nichol (1995), o povo de Deus havia deixado seus caminhos de justiça, sendo que a condição social e moral de Judá e Israel era idêntica. Ele diz que nas duas nações havia prática de injustiça nos tribunais, simplesmente porque os magistrados eram subornados facilmente. Também afirma que os prazeres e o desfrute das ganâncias pessoais eram a principal dedicação dos governantes. Nesse contexto, “muitos abandonaram o culto de Jeová e seguiram aos deuses pagãos” e “outros mantinham as formas exteriores da religião, mas não conheciam seu poder e significado verdadeiros” (NICHOL (1995, p. 131).

Em Is 1:27 se encontra uma promessa de Deus afirmando que Judá seria redimida pelo direito e aos que se arrependessem pela justiça de Deus. Esse verso conota a libertação do pecado pela justiça de Cristo. Nichol (1995, p. 143) diz que a salvação inclui tanto a justiça imputada com a finalidade de expiar os pecados já cometidos, bem como a justiça transmitida com o objetivo de capacitar o ser humano para viver acima do pecado. Para ele, essa ocasião de libertação completa, que se dará pelo regresso de Cristo ao mundo, restaurará por completo a imagem de Deus no homem. Nota-se uma mensagem de libertação por parte do profeta no âmbito espiritual. Deus deixa claro através do Seu mensageiro que Ele queria libertar Seu povo.

Dentro ainda dos primeiros capítulos de Isaías, encontra-se, no capítulo 2, mais uma denúncia da parte de Deus. Por causa de dinheiro, “os judeus humilharam a si mesmos, [...] tornaram-se menores que os homens feitos à imagem de Deus. [...] Eles tinham ultrapassado a necessidade de depender de Deus [...]” (CHAMPLIN, 2001, p. 2797). O texto apresenta que a maior preocupação daquele povo se tornou acumular riquezas. Já no próximo capítulo, as mulheres são denunciadas por buscarem a vaidade, pois elas eram soberbas e altivas. Por conta disso, Nichol (1995, p. 131) comenta que “a nação foi advertida de que se continuasse nos seus caminhos de impiedade, imediatamente seria destruída.” Devido ao pecado o povo se corrompeu e até os governantes preocupavam-se somente consigo mesmos. Deus queria libertar Seu povo, e essa libertação também era no âmbito político.

Com a opressão política dos líderes do povo, agravada com a ganância e opressão dos ricos em relação aos pobres (Is 58:3), a nação caiu ainda mais em uma falsa religiosidade, e, para Nichol (1995, p. 131-132), Deus enviaria o juízo através dos assírios sobre essa nação hipócrita que dava decretos injustos e não fazia justiça aos pobres, pelo contrário, privava seus direitos. Além disso, ele comenta que também prejudicavam as viúvas. Nesse contexto os menos

favorecidos estavam sofrendo muito, e por isso a libertação que Deus queria proporcionar ao Seu povo era completa: buscava dar libertação espiritual, política e social.

Nesse contexto está a mensagem principal do livro de Isaías, que é libertação. Por isso, Jesus Cristo, quando leu uma passagem do livro de Isaías, enfatizou essa mensagem lendo o capítulo 61. Esse texto enfatiza que a missão do Messias era pregar boas novas aos quebrantados, aos sem esperança por ocasião das desilusões que a nação enfrentava. Também era proclamar libertação aos cativos que estavam presos por conta dos laços da impiedade e, além disso, pôr em liberdade os algemados. Percebe-se que a missão de Deus não se limita apenas ao aspecto evangelístico, Ele procura proporcionar liberdade em todos os aspectos. Dada essa contextualização, fica evidente que tipo de problema espiritual, político e social o povo de Deus estava enfrentando, e como o capítulo 58 de Isaías surge como resposta para uma das libertações que o Senhor queria que desfrutassem imediatamente.

5.4. Reflexão Teológica

É possível verificar que outros textos da Bíblia falam da beneficência social. Nichol (1995) traz passagens paralelas à subunidade estudada que tratam do mesmo assunto, como Êx 22:22-24; Dt 10:18-19; Jr 7:5-6; Zc 7:8-10; Mt 25:34-40 e Tg 1:27. Os comentários dos contextos destas passagens aqui analisadas são baseados na própria mensagem bíblica, através do método *Close Reading* (Leitura Atentiva).

Êx 22:22-24 mostra leis civis e religiosas propostas por Deus ao seu povo ainda enquanto estavam peregrinando no deserto. Nelas, se alguém oprimisse os necessitados receberiam juízo da parte de Deus. No livro de Dt 10:18-19, Moisés, ressaltando a justiça de Deus, expressa que Ele auxilia a viúva e o órfão, e dá pão e vestes para aqueles que precisam. Percebe-se que, desde o início, Deus deixou orientações sobre o tratamento com os menos favorecidos.

Em Jr 7:5-6, o cativo estava para acontecer e Deus, através do profeta, lembra que se eles corrigissem suas obras teriam a oportunidade de habitar na sua terra eternamente. Dentro das correções solicitadas por Deus, estava também a beneficência social.

Apesar da mensagem dos profetas do pré-exílio de repreensão por não estarem assistindo as necessidades dos desfavorecidos, ao invés disso, oprimindo e escravizando seus irmãos, o povo de Deus não mudou. Após o exílio, Zc 7:8-10 vai lembrá-los de que este foi um dos motivos de Deus ter dispersado o povo de Israel e Judá. Eles estavam negligenciando um ensinamento básico da *Torah*, dada a Moisés.

No livro de Mt 25:34-40, Jesus Cristo narra sua segunda vinda e enfatiza que os seres humanos que assistiram os menos favorecidos demonstraram genuína transformação realizada pelo Espírito Santo e por tal tinham agradado ao Senhor. Não que tivessem sido salvos por fazer essas obras, mas por tê-las realizado demonstraram a fé verdadeira que os salvou, e glorificaram a Deus pela mudança de vida proporcionada pela justiça de Cristo neles.

Percebe-se também que Tg 1:27 trabalha o tema da beneficência social. Nesta passagem, a religião verdadeira atende os necessitados nas suas dificuldades. O autor trabalha em todo o livro o fim da dicotomia existente entre fé e obras. Para o apóstolo, fé e obras nunca devem andar separadas.

A Bíblia fala da benevolência para com o semelhante, e ao retornar para o texto estudado, diversos comentários reforçam a relevância desse tema. Price (2006, p. 181) afirma que o profeta não estava dizendo nada a respeito de mortificação corporal com jejum, pois, segundo ele, “sua preocupação é com as obras de justiça em relação aos oprimidos e a benevolência com os necessitados”. Ele ainda esclarece que o profeta pede para que os verdadeiros adoradores

de Deus mostrem “a verdadeira benevolência aos pobres, alimente o faminto e vista o nu (7). Livre a pessoa quebrantada da prisão.” E diz mais: “Abrigar o sem-teto, prover aos necessitados (mesmo os da família da fé), envolve sacrifício”.

Champlin (2001, p. 2953) também fala que “obras gerais de amor e caridade tinham de estar envolvidas no dia de jejum, bem como em todos os outros dos dias. Repartir o alimento com os famintos; dar abrigo aos destituídos; prover roupas; ajudar os parentes necessitados, [...]”. Nota-se que a religião está intimamente ligada à prática da beneficência social.

Ridderbos (1986, p. 474) explica que, para o Senhor de Israel, o jejum que é válido é o que pratica justiça e misericórdia. Ele ainda comenta que geralmente o jejum tinha o interesse de receber o favor de Deus. Nas palavras dele: “A sua demonstração de tristeza tencionava mover Deus à compaixão e era também uma expressão de falsa auto humilhação devido ao pecado”. Para esse autor, Deus está disposto a conceder a atenção que a pessoa está requisitando desde que seu jejum não seja externo, mas fruto de uma mente e vida convertida. Deus espera que o adorador não rasgue suas roupas e sim o seu coração.

No *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, o sentido mais coerente do texto é que a verdadeira religião é prática. Ele reitera que “a piedade prática é a única classe de religião que se reconhecerá no juízo divino (Mt 25:34-46) [...] o verdadeiro propósito da religião é libertar os homens de sua carga de pecado, eliminar a intolerância e a opressão, promover a justiça, a liberdade e a paz” (NICHOL, 1995, p. 344). Os cristãos genuínos, após compreenderem esta mensagem, não podem deixar de auxiliar aqueles que não estão em boas condições financeiras, espirituais ou sociais. Como seguidores de Deus, é necessário praticar Sua Palavra, auxiliando seu semelhante e não se escondendo para não ajudar os que precisam.

Kuhn (2013, p. 162) comenta que “a responsabilidade social é, em primeiro lugar, uma responsabilidade individual e, conseqüentemente, uma responsabilidade da igreja cristã como um todo.” Não se trata de um opcional para os mais piedosos. Se a pessoa é cristã de verdade ela deve amar e socorrer os semelhantes que estejam em situação desfavorável. Não por motivação meritória, mas por estar sendo moldado conforme a Palavra de Deus para ser um agente do Reino de Deus onde estiver inserido.

Notou-se que a mensagem da beneficência social não está reclusa ao livro de Isaías, mas vem ecoando desde o princípio, quando Deus proveu para Adão e Eva vestes para cobrirem a nudez. Em Mt 26:11, Jesus afirma que os pobres sempre estarão conosco, justamente porque o pecado proporcionou egoísmo e desigualdade social à humanidade.

Após essa breve análise teológica destacou-se que o capítulo 58 de Isaías corrobora com a relevância da beneficência social para o cumprimento da missão de Deus executada pela igreja, tendo em vista que ela não está dissociada da proclamação.

6. Considerações Finais

A libertação que Deus traz é holística, e por isso a beneficência social é tão relevante, pois através dela Ele pode proporcionar libertação aos cativos e oprimidos. Sua igreja foi comissionada a dar continuidade à obra iniciada por Cristo, e por isso, além de apregoar as boas novas, Ele a chamou para libertar as pessoas de suas mazelas, sejam elas espirituais, físicas ou sociais. O verdadeiro cristão é submisso à Palavra de Deus, e desta forma não ficará indiferente a este apelo.

Conclui-se que Isaías 58:6-7 contribui trazendo entendimento da relevância desse tema, por expressar a vontade libertadora de Deus como um clamor e pedido aos Seus filhos. Por refletir as atitudes que Ele espera de seus servos, a beneficência, envolve a religião prática que o Senhor espera de Seu povo. Por fim, descreve a obra que Jesus realizou e comissionou a Seus

discípulos, para continuarem sendo agentes transformadores de libertação, paz, segurança e alívio para um mundo em trevas.

Dessa forma, esse capítulo de Isaías, juntamente com toda a Bíblia, convida o cristão genuíno a testemunhar com palavras e também com atos de bondade. Jamais atos sem o testemunho através de palavras, ou testemunho através de palavras sem atos.

Referências

AMORA, Antonio Soares. **Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

BECERRA, Sergio. La obra humanitária em la misión de la Iglesia Adventista. In: SOUZA, Elias Brasil de (ed.). **Teologia e Metodologia da Missão: Palestras Teológicas Apresentadas no VIII Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano**. 2 ed. Cachoeira: CePLiB, 2011. p. 619-629.

BÍBLIA do Obreiro. Tradução João Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH; Wilhelm. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1997, 1574 p.

BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles. **A hebrew and english lexicon of the Old Testament with an appendix containing the Biblical Aramaic (BDB)**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O antigo testamento interpretado: versículo por versículo**. 2 ed. São Paulo: Hagnos, 2001. 5 v.

DOUGLASS, Herbert E. **Mensageira do Senhor**. 3 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

E-SWORD. **E-Sword**: Version 11.0.6.2016, by Rick Mayers.

HARRIS, Robert Laird. (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (DITAT)**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KUHN, Wagner. **Integrando Beneficência Social & Desenvolvimento na Missão de Deus**. Cachoeira: CePLiB, 2013.

KUHN, Wagner. **Transformação Radical: Em busca do Evangelho Integral**. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2016.

- LOBO, Ronald. **O verdadeiro jejum: um estudo exegético de Is 58, 1-12**. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.
- MENDES, Paulo. **Noções de Hebraico Bíblico**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- NICHOL, Francis D. (ed.). **Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Dia**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995. 4 v.
- PRICE, Ross E. **Comentário Bíblico Beacon**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus: 2006. 4 v.
- RIDDERBOS, Jan. **Isaías: Introdução e Comentário**. Edições Vida Nova Editora Mundo Cristão, 1986.
- SANTOS, Elmir P. **Segundo Dízimo: Ampliando a Visão sobre a Oferta**. Matias Barbosa: Editora Juizforana, 2011.
- SCHWARS, Richard W. e GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.
- WHITE, Ellen G. **Beneficência Social**. 2 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987.
- WHITE, Ellen G. **Testemunhos para Igreja**. v. 2. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- WHITE, Ellen G. **O Desejado de Todas as Nações**. 22 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.